

CAMINHOS LINGUAJEIROS QUE SE CRUZAM NAS NARRATIVAS DE WILSON BUENO E DE GUIMARÃES ROSA¹

LANGUAGE PATHS THAT INTERSECT IN THE NARRATIVES OF WILSON BUENO AND GUIMARÃES ROSA

Augusto Ferreira Sampaio Rosa²
Rosana Cristina Zanelatto Santos³

Data de recebimento do texto: 15/05/2024

Data de aceite: 12/06/2024

Resumo: Neste artigo, são analisados os elementos constitutivos da invenção de uma linguagem regional por Wilson Bueno e por Guimarães Rosa, o que acaba levando-os a uma recepção, mesmo que não explícita, ainda ao modo do regionalismo do século XIX. Seja na trajetória do cavaleiro contemporâneo Roseno, da novela *Meu tio Roseno, a cavalo*, de Bueno, passando pela redenção de Augusto Matraga, pelo itinerário do burrinho Pedrês ou pelo devir animal do tio Iauaretê na contística de Rosa, aparecem elementos característicos de sertões por cujas fronteiras transitam linguagens que são a força motriz da organização das experiências inventadas desses sujeitos.

Palavras-chave: Narrativas literárias. Literatura brasileira. Regionalismo. Wilson Bueno. Guimarães Rosa.

Abstract: This article analyze the narrative elements constitutive of the invention of a regional language by Wilson Bueno and Guimarães Rosa, which ends up leading them to a reception, even if explicitly, still in the mode of 19th Century regionalism. Whether in the trajectory of the contemporary cavalryman Roseno, from Buenos's novella *Meu tio Roseno, a cavalo*, going through the redemption of Augusto Matraga, the itinerary of the little donkey Pedrês or the animal becoming of tio Iauaretê in Rosa's short story, appear elements characteristic of the "sertões", through whose frontiers transit languages that are the driving force behind the organization of the invented experiences of these subjects.

Keywords: Literary narratives. Brazilian literature. Regionalismo. Wilson Bueno. Guimarães Rosa.

¹ Esta publicação contou com auxílio financeiro da Fundect- MS, por meio da Chamada Fundect nº 31/2021 - Universal 2021 - ODS, Termo de Outorga 290/2022.

² Mestrando no Programa de Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

³ Professora Titular na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Pesquisadora da Fundect-MS. E-mail: rzanel@terra.com.br

Grandes sertões: palavras

[As etnias] guardam sua identidade sempre que mantêm a continuidade de sua vida comunitária, quaisquer que sejam as vicissitudes que enfrentam. É, por outro lado, o despotismo brutal aos processos civilizatórios que vence estas resistências, rompendo os laços comunitários, desfazendo as famílias, marginalizando e às vezes até coisificando as pessoas para reconstruí-las no curso de processos de transfiguração étnica. (RIBEIRO, 2017, p. 103)

Um vocabulário carregado de neologismos, de arcaísmos, de palavras indígenas e de marcas da oralidade pode ser visto por muitos leitores como um fator limitante para seu ingresso no universo literário ou mesmo um capricho estilístico. Pode ser, inclusive, que alguns desses sujeitos se recusem a ler ou não se sintam atraídos por escritores como Wilson Bueno e Guimarães Rosa por isso. Por outro lado, ambos sabem como lidar com a narratividade, apropriando-se, em suas criações, de um ritmo oralizado, por vezes fragmentado, com digressões que se encaixam à narrativa principal, revelando-nos um processo de invenção linguística que, contemporaneamente, parece estar retornando à cena literária, ratificando a importância de valorizar e de discutir esse processo.

Em *Meu tio Roseno, a cavalo*, Bueno dá vida a Roseno Rodrigues de Oliveira, o tio Roseno, personagem que nos é apresentada por seu sobrinho, o narrador da novela, em uma saga dividida “[...] por sete céus e seis imprecisos entrecéus a galope” (BUENO, 2000, p. 24). Nesse intervalo temporal, tomados por um fluxo que acompanha as lembranças de Roseno – marcadas por passagens violentas e traumáticas, *recuerdos* da Guerra do Paranaíba e da perda de Dorói –, passamos por uma imersão no universo fronteiriço entre os estados do Paraná e de Mato Grosso do Sul e o Paraguai, acompanhando o galope do zaino Brioso por atmosferas eróticas, bélicas e fantásticas. Roseno, em sua andança, tem como objetivo voltar aos braços de Dorói, uma bugra de olhos azuis, e acompanhar o nascimento de sua filha, Andradazil.

Nome esquisito, e necessário, segundo a cigana, para que Andradazil forjasse no barro daqueles ermos a sua índole de cão. Isto a cigana não disse mas era como se dissesse, do modo e jeito como decifrava meu tio Roseno aquela profecia agora que rumo a Ribeirão do Pinhal, e a Dorói, seu amor bugro retinto, ao manso dos olhos dela, azul, pudesse segurar nos seus braços de homem aquele toco de gente marcado para crivar de bala toda a Guerra do Paranaíba, muitos anos depois deste céu que ora embala e sossega, melhor ainda agora o trote ronceiro de Brioso, cavalinho bom, comprado na feirinha de Araré, um dia de cachaça, sanfona e capação de galo, um dia adventício. (BUENO, 2000, p. 14).

O nome da companheira de Roseno, Dorói, causou-nos uma certa inquietação, por não nos oferecer, logo de pronto, soluções etimológicas condizentes com os substratos gregos ou latinos da língua portuguesa. Iniciamos, então, uma busca pelas línguas indígenas brasileiras,

para encontrar uma possibilidade de leitura do nome da amada de Roseno que se afinasse com o percurso do cavaleiro bueniano. Durante nossa investigação em dicionários e glossários disponíveis on-line, chegamos ao volume *Vocabulários indígenas na geografia do Rio Grande do Sul*, de Nelson França Furtado (1969, p. 164), que no verbete “tapuiri” nos indicou um caminho possível: “Tapuiri – arroio, afl. do Jaguari. Do guarani ‘tapyi’, cabana, choça, e ‘y’, água, rio; o rio da cabana, ‘tapyi-r-y’”. Roseno percorre céus e entrecéus, cruzando rios, “O Piquiri. O Ivaí. O Paranapanema” (BUENO, 2000, p. 19), para chegar ao rio onde desagua a dor de suas perdas, ou seja, “dor-o-í”. Vale destacar que no *Vocabulários* de França (1969), na letra “d”, não há nenhum verbete, o que nos levou a criar o rio da dor, “dorói”, num processo de composição justaposta entre uma palavra em língua portuguesa e outra em guarani.

A expressão *Sagarana*, título da coletânea na qual estão dois dos contos rosianos que nos interessam – “O burrinho pedrês” e “A hora e vez de Augusto Matraga” –, também tem ascendência indígena. *Sagarana* poderia ser uma ave do Cerrado, ou uma cidade no interior do Brasil, ou ainda, quem sabe, algum topônimo das paragens mineiras. Trata-se, pois, de uma invenção de Rosa, por composição justaposta, de “saga”, que no *Grande dicionário – Língua Portuguesa* (2010, p. 1468) tem vários significados:

1. tradição lendária dos Escandinavos; 2. narrativa baseada em tais lendas; 3. história de uma família abrangendo várias gerações; 4. história longa e muito movimentada. Do nórdico *saga* [...]
1. bruxa; feiticeira; 2. alcoviteira. Do latim *saga* [...]

e de “rana”, sufixo tupi “[...] com o significado de ‘parecido com, mal feito, tosco’” (FRANÇA, 1969, p. 105). Assim, tomando as várias acepções possíveis de ambas as expressões justapostas, *Sagarana* se nos apresenta como um conjunto de narrativas curtas que carregam tradições e histórias familiares cujos percursos são longos e intrincados, resolvendo-se, por vezes, por meio de eventos que nos parecem atos que ultrapassam a realidade empírica.

1 De animais e de homens

“O burrinho pedrês” é a narrativa mais extensa de *Sagarana*, havendo nela sub-histórias contadas por meio dos diálogos dos vaqueiros do Major Saulo, que conversam durante uma comitiva, levando uma boiada cuja trajetória não é linear, desviando-se e retomando o

caminho central. Durante a viagem, também são entoadas cantigas típicas do universo sertanejo mineiro:

O Curvelo vale um conto,
Cordisburgo um conto e cem.
Mas as Lages não têm preço,
Porque lá mora meu bem... (ROSA, 2015, p. 43).

O protagonista do conto é Pedrês, um burro que já teve vários nomes e donos, um tanto velho e não tão importante para o que será sua última empreitada, tendo em vista sua decrepitude, como descrita pelo narrador:

Agora, porém, estava idoso, muito idoso. Tanto, que nem seria preciso abaixar-lhe a maxila teimosa, para espiar os cantos dos dentes. Era decrépito mesmo à distância: no algodão bruto do pêlo — sementinhas escuras em rama rala e encardida; nos olhos remelentos, cor de bismuto, com pálpebras rosadas, quase sempre oclusas, em constante semi-sono; e na linha, fatigada e respeitável — uma horizontal perfeita, do começo da testa à raiz da cauda em pêndulo amplo, para cá, para lá, tangendo as moscas. (ROSA, 2015, p.27).

O que esperar de um animal como Pedrês, cansado de velho? Além disso, durante o percurso narrativo, constrói-se a expectativa de um possível assassinato pela desavença entre dois vaqueiros, o que nos leva à surpresa com o desfecho da história, que, se não é explicitamente moralizante, é capaz de remeter a reflexões sobre os acasos da vida e a experiência.

Também na novela de Bueno há a presença relevante do animal, que participa da jornada do protagonista. Trata-se do zaino Brioso, o cavalo de pelagem castanho-escuro companheiro Roseno, ambos capazes de compartilhar as emoções que os afetam durante o percurso.

Até o Zaino afina as ventas, arisco, investigando o ar com o focinho, inquietos os cascos experimentando o andado do chão. Há por perto a lagoa da Gruxuvira, mutante, provisória sempre, alimentada em exclusivo das águas das chuvas, a cada hora e a cada vez. Roseante, o cavaleiro, parece sente do cavalo fluir. Pelo lado de dentro das coxas, que encostam à barrigueira, chega a lhe adivinhar o suor ainda não vertido, e também seus humores, ao todo do corpo enganchado nele feito a ostra e a entranha. (BUENO, 2000, p. 23)

Em *Seis propostas para o próximo milênio*, Italo Calvino (1990) destaca a leveza como um dos atributos da narrativa literária, fazendo alusão ao nascimento de Pégaso do sangue da Medusa morta, o que pode parecer, à primeira vista, um paradoxo: como da seiva daquela que transformava os sujeitos em pedra, apenas com um olhar, vem à luz um cavalo alado? Por extensão, pensamos: como uma jornada como a de Roseno, um sujeito marcado pela violência da guerra e que enfrenta acontecimentos que colocam sua vida em risco, em busca de Dorói e

de sua filha Andradazil, pode haver leveza, fluidez? Bueno trabalhou estilística e sinestesticamente os elementos que cercam o protagonista de sua narrativa; a natureza, as cores, o clima, o céu e a montaria de Roseno, tudo está entrelaçado na construção de um cenário cujo motor, o maestro que determina o ritmo do concerto é Brioso.

E este não seria o segundo céu, não fosse o que Rosevaldo, meu tio, vê, nítido, bem no alto do morro, ainda sem apear de Brioso, o zaino, para o pernoite: primeiro são luzes, prata, argêntas, pequenos flocos, da esquerda para a direita, e vice e versa, correm, revolteiam, giram, e no que parece um estrépito, fenecem, bolhas, chispas, no alto do morro, de novo, se entredevorando, choques, faíscas, [...] Brioso estaca, os olhos saltados em susto, relincha e apavora, enquanto Roseno, meu tio, grudado ao freio, aos corcoveios, firmas as pernas no estribuo e sossega o zaino à unha. (BUENO, 2000, p. 20).

Além da leveza, é importante considerar as variações linguísticas que caracterizam a narrativa de Bueno, entre elas, por exemplo, como lido na citação anterior, quando Roseno também pode atender pelo nome de Rosevaldo. Lembremo-nos de que a busca por Doroi e Andradazil passa-se na região geográfica de Guaíra, na confluência entre os estados do Paraná e de Mato Grosso do Sul com o Paraguai. Na linguagem empregada pelo narrador, há traços de espanhol e de guarani mesclados ao português:

Mira, senior, que já es la ferita de Ararê – fica com saudade, o tio da fala atrás da limanha dos dentes, cheia de palavrass do bruto Avevó, mas saudade é coisa que não se engana porque, no fundo, sabe o tio por quem as tronchas saudades tramam – é pela cuñataí cujo sexo de tão pequeno lhe coube inteiro na concha da mão, mbyámichi, mbyámichimi. (BUENO, 2000, p. 3031).

Assim também, o tio do narrador, Roseno, pode ser chamado de Roasealvo, Rosenaro, Roseano ou Rosevago, o que é determinado segundo o estado de espírito em cada situação na qual se encontra. O que une o tio ao percurso nos sertões fronteiriços, além do zaino Brioso, é o radical “ros-“, tratado anaforicamente, ressoando e reiterando a presença de Guimarães Rosa no texto de Bueno.

Outra repetição constante em *Meu tio Roseno, a cavalo* é o nome Andradazil, a filha do tio e de Doroi. Em sua cavalgada com o zaino Brioso, o sufixo “zil” nos remete à sonoridade do vento zunindo nos ouvidos de Roseno, um eco do devir mulher da descendência do tio do narrador, que, com medo e coragem, busca vencer os obstáculos.

A guerra azinhavre do cão, aquela guerra, de quando eu nem era nascido, e nosso tio, a memória de tudo, ainda era vivo. Andradazil. Andradazil. Andradazil. Ao lombo do zaino, nossa leal montaria, segue Rosenário, o tio, escrevendo no vento que vai dar no Pinhal, añaretã, añaretãmeguá, esta história a risco de faca; vez por vez, vez em quando, ao rasgar sentido da sanfona, outras nostalgias, (BUENO, 2000, p. 61).

Por seu turno, em “A hora e vez de Augusto Matraga”, também o protagonista do conto rosiano é chamado muitas vezes por outros nomes, externalizando o estado de espírito em que se encontra o herói, o que contribui para que o leitor acompanhe as transformações sofridas por Augusto ao longo de sua trajetória: “Matraga não é Matraga, não é nada. Matraga é Estêves. Augusto Estêves, filho do Coronel Afonso Estêves, das Pindaíbas e do Saco-da-Embira. Ou Nhô Augusto – o homem –“ (ROSA, 2015, p. 287).

De modo semelhante a Augusto Matraga, Roseno é Roseando, Rosalvo, Rosíris, Rosemundo e muitos nomes outros, todos formados a partir do radical “ros-“.

O resto todo foi a guerra, trota agora, chapada adiante, Brioso, nossa montaria, no quatro entreceú dessa fábula memoriosa, como memoriosos são os rios que a percorrem, remotos, a esta fábula de nosso tio **Rosenâmbulo**, a cavalo, margemadno as araucárias [...] (ROSENO, 2000, p. 55. Grifo nosso).

Assim, Roseno agora é Rosenâmbulo, formado pelo mesmo radical “ros-“ + o composto positivo latino “-ambulo”, referente ao percurso, à perambulação, o que encontra eco em nosso tio como movimento de compreensão do mundo e de si mesmo, além da busca por Dorói e Andradazil.

E quanto a Matraga? Se a perambulação de Roseno, pela toada de sua viagem, nos parece voluntária e tributária dos traumas da Guerra do Paranaíba e da ausência de Dorói, após a leitura do (con)texto, concluída a história de Augusto, a alcunha de Matraga lhe fora atribuída porque com ele carregava consigo o mal, o que nos é apresentado pela lembrança dos malefícios cometidos, mesmo com os familiares e os ditos amigos, que ele precisa (ex)purga. Dessa forma, para compor a expressão Matraga, num primeiro momento, recorremos ao processo de aglutinação, como segue: mal (substantivo masculino) + traga (3ª pessoa do singular do presente do modo subjuntivo do verbo trazer) = Matraga. Assim, Augusto Estêves seria “aquele que traz o mal”. Por outro lado, pelo mesmo processo de aglutinação, ao final do conto, Augusto será “aquele que traga/bebe o mal”, experimentando-o como vítima, tendo sido o sujeito que pôde viver o mal ao modo de um *pharmakón*.

— Deus que me perdoe, — resmungou a preta, — mas este homem deve de ser ruim feito cascavel barreada em buraco, porque está variando que faz e acontece, e é só braveza de matar e sangrar... E ele chama por Deus, na hora da dor forte, e Deus não atende, nem para um fôlego, assim num desamparo como eu nunca vi! (ROSA, 2015, p. 298).

O conto de Rosa é narrado por alguém que, apesar de conhecer toda a trajetória de Matraga, não se apresenta explicitamente como em *Meu tio Roseno, a cavalo*, narrado por seu sobrinho, estando o modo narrativo muito rente à oralidade e à pessoalidade, o que aproxima

o leitor da história, tornando-o também um familiar de Roseno; além disso, em muitas passagens, o narrador emprega o pronome pessoal possessivo “nosso” com referência ao tio. Porém, mesmo que não saibamos quem nos narra a história de Augusto Matraga, conseguimos visualizar o calvário do protagonista: “Mas, quando Nhô Augusto estremeceu e tornou a solevar a cabeça, o Major, lá da varanda, apertando muito os olhos para espiar, e se abanando com o chapéu, tirou ladainha: - Não tem mais nenhum Nhô Augusto Estêves, das Pindaíbas, minha gente?!...” (ROSA, 2015, p. 296).

2 Violência e vingança

Os falares em ação tanto na narrativa de Bueno quanto nas de Rosa são dignos de notas comparativas. A presença do guarani na jornada do tio Roseno marca o processo de desterritorialização do protagonista, afeito a esta “[...] lenda molhada de rios, tocado pelo movimento das nuvens e da lua, oblíquo e suspenso debaixo do firmamento, [como se] o mundo inteiro andasse” (BUENO, 2000, p. 25). As palavras são tão voláteis como os elementos da natureza que acompanham Roseno e seu zaino. Em “A hora e vez de Augusto Matraga”, por exemplo, se não há a presença de línguas indígenas, há a dureza da violência que não esquece o tempo da vingança:

E Nhô Augusto fechou os olhos, de gastura, porque ele sabia que capiau de testa peluda, com o cabelo quase nos olhos, é uma raça de homem capaz de guardar o passado em casa, em lugar fresco perto do pote, e ir buscar da rua outras raivas pequenas, tudo para ajuntar à massa-mãe do ódio grande, até chegar o dia de tirar vingança. (ROSA, 2015, p.296).

A violência vive tanto em Roseno quanto em Matraga. O primeiro convive com uma guerra que parece ao mesmo tempo externa e desencadeada dentro de si, a Guerra do Paranavaí: “[...] mas já depois daquela Guerra que movimentou o Itacoatiara e desde onde, de dentro dela, Roseval, nosso tio, ficou além que o lume” (BUENO, 2000, p. 37). Essa guerra transtorna e transforma nosso tio durante sua jornada, pois dela não há fuga possível.

Ah, que tempo este, meu Deus, penoso e triste. Fugindo, fugindo sempre do que na guerra é amargor e derrota, a carne da carne viva? Fugindo para onde? Aonde há fugir se a guerra é no mundo? Outra vez se pergunta, tristonho, o tio, ao suave embalo de nossa deleitosa montaria, as tronchas perguntas turvas, os presságios. O que há-de? (BUENO, 2000, p. 57).

Por seu turno, Nhô Augusto cometeu várias atrocidades em sua vida, matando e desgraçando muitas pessoas. “Se fosse, se aceitasse de ir com o outro, Nhô Augusto era capaz de matá-la. Para isso, sim, ele prestava muito. Matava, mesmo, como dera conta do homem da

foice, pago por vingança de algum ofendido” (ROSA, 2015, p. 292). Todo o mal que Augusto fez aos outros, dando-lhes surras, sangrando e matando, chegou, enfim, a atingir a ele próprio. Por conta de suas inimizades e desavenças, mesmo com seus próprios empregados, foi martirizado pelo Major Consilva, antigo inimigo de seu pai. Marcado a ferro na nádega, após pauladas e picadas de faca, prestes a ser executado, jogou-se de um barranco e não foi encontrado por seus algozes, sendo resgatado por um negro que vivia próximo ao desfiladeiro; ele mais sua mulher cuidaram de Augusto.

Durante o período de sua recuperação, Matraga se (re)lembra de todos os seus feitos; no mais das vezes, arrepende-se, chorando e clamando a Deus e ao mundo para não sofrer mais como estava sofrendo. Um padre o visita e lhe diz: “Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua” (ROSA, 2015, p.300). Após se recuperar, Augusto muda-se com seus, agora, amigos negros para uma chácara mais afastada. Ele trabalha e reza, trabalha e reza e trabalha mais um tanto, repetindo para si: “Cada um tem a sua vez, e a minha hora há-de chegar!...” (ROSA, 2015, p.304). Se Matraga repete que sua hora há de vir, Roseno repete para si o nome da filha, Andradazil, como se a sua vez chegará quando a encontrar. A pergunta que nos incomoda é: a que vez e a que hora ambos se referem?

Augusto, assim como Roseno, não tem seu passado apresentado com detalhes ao leitor. Os narradores contam as impressões e as sensações que os tomavam nas situações vividas. Remorso, (des)ilusão e uma esperança melancólica parecem alimentar os protagonistas de Bueno e de Rosa. O primeiro ocupa seu tempo trabalhando quando conhece o grupo de Joãozinho Bem-Bem, matador famoso que o convida para ingressar em seu bando, notando em Augusto aptidão para as tarefas que a profissão de matar exige. Augusto, apesar de ficar tentado, recusa-lhe a oferta.

Nhô Augusto bateu a mão na winchester, do jeito com que um gato poria a pata num passarinho. Alisou coronha e cano. E os seus dedos tremiam, porque essa estava sendo a maior das suas tentações.

Fazer parte do bando de seu Joãozinho Bem-Bem! Mas os lábios se moviam — talvez ele estivesse proferindo entre dentes o creio-em-deus- padre — e, por fim, negou com a cabeça, muitas vezes:

— Não posso, meu amigo seu Joãozinho Bem-Bem!... Depois de tantos anos... Fico muito agradecido, mas não posso, não me fale nisso mais... (ROSA, 2015, p.320).

Augusto Estêvez precisa ir em busca de sua hora e vez, decidindo-se por deixar seus salvadores, a fim de achar o que lhe falta para completar sua existência/ redenção, viajando no lombo de um jegue. De primeiro, não queria aceitar, “Mas, depois, aceitou, porque mãe Quitéria lhe recordou ser o jumento um animalzinho assim meio sagrado, muito misturado às

passagens da vida de Jesus” (ROSA, 2015, p.316). Enquanto Matraga tem a companhia do jegue, Roseno cavalga o zaino Brioso, parceiro na busca por Andradazil:

Poeirão vermelho levanta atrás de si Rosevildo, nosso tio, a esporear, contínuo, Brioso, o animal, velocidade à toda brida, a contrapelo da bússola e da tarde morna, galope no olho do vento, livre, impetuoso, dono da tempestade, a caminho de Andradazil, sua filha que vai nascer, [...]. (BUENO, 2000, p. 29).

Também no sertão mineiro rosiano, conhecemos meu “Meu tio o Iauaretê”. A narrativa se desenrola num monólogo entre um ex-onceiro isolado em um rancho e seu visitante, um homem branco, armado com um revólver, desconfiado e calado. Aqui nos referimos a um monólogo, pois inferimos que o tio responda a possíveis perguntas e às suas próprias deduções daquilo que não são perguntas, mas expressões físicas e faciais de seu interlocutor, sem lhe dar chance de aparecer na narrativa. O locutor nos conta sobre sua antiga profissão:

Nhemnhem? Eu cacei onça, demais. Sou muito caçador de onça. Vim pra aqui pra caçar onça, só pra mor de caçar onça. Nhô Nhuão Guede me trouxe pra cá. Me pagava. Eu ganhava o couro, ganhava dinheiro por onça que eu matava. Dinheiro bom: glim---glim... Só eu é que sabia caçar onça. Por isso Nhô Nhuão Guede me mandou ficar aqui, mor de desonçar este mundo todo. Anhum, sozinho, mesmo... Araã... Vendia couro, ganhava mais dinheiro. Comprava chumbo, pólvora. Comprava sal, comprava espoleta. Eh, ia longe daqui, pra comprar tudo. Rapadura também. Eu – longe. Sei andar muito, andar ligeiro, sei pisar do jeito que a gente não cansa, pé direitinho pra diante, eu caminho noite inteira. (ROSA, 2015, p.158).

Os registros onomatopaicos da fala do tio Iauaretê reiteram a presença do devir animal no locutor, já registrada no nome do protagonista. Ele relata que em algumas ocasiões caçava onças na região, mas que não mais o faz, por se identificar com esses animais, assumindo seu lugar junto às parentes:

[...] Apê! Bom, bonito. Eu sou onça... Eu – onça! Mecê acha que eu pareço onça? Mas tem horas que eu pareço mais. Mecê não viu. Mecê tem aquilo – espelhim, será? Eu queria ver minha cara... Tiss, n’t, n’t... Eu tenho olho forte. Eh, carece de saber olhar a onça, encarado, olhar com coragem: hã, ela respeita. Se mecê olhar com medo, ela sabe, mecê então tá mesmo morto. (ROSA, 2015, p. 165).
Agora, eu já sei: onça é que caça pra mim, quando ela pode. Onça é meu parente. Meus parentes, meus parentes, ai, ai, ai... (ROSA, 2015, p.165).

Segundo França (1969, p. 110), “[...] ‘jaguara’, ‘yaguá’, originalmente ‘onça’, depois também ‘cachorro’, passando a onça a ser denominada ‘jaguarete’, ‘yauaretê’, isto é, jaguar verdadeiro, legítimo. É mais urna palavra tupi que passou para o vocabulário internacional” e que Rosa utilizou com maestria na composição do tio aparentado das onças.

As narrativas que envolvem os tios Iauaretê e Roseno nos trazem à mente as narrativas indígenas e sertanejas presentes na tradição oral do Brasil, abarcando personagens

vulgarmente alcunhadas de “bichos do mato”, cujas ações decorrem de exemplos herdados e que, por vezes, lhes garantem a sobrevivência.

Afinal, são mundos inventados

Sabemos que estamos lidando com narrativas escritas, compreendendo-as ao modo como postulado por Seligmann-Silva (2005, p. 126):

A passagem do simbólico para o alegórico, do som para a escritura, é acompanhada também da passagem para a espacialidade em detrimento da temporalidade. A escritura é concebida como uma marca, uma ruína ou cicatriz aberta pela história; esta, por sua vez, não é nada mais que acúmulo de catástrofes, sobreposição de densas camadas de estilhaços a uma só vez altamente significantes e que apresentam a destruição, a interrupção constante do devir.

Desse modo, analisar personagens como as construídas por Bueno e Rosa por vezes pode gerar alguma dissonância em relação ao que usualmente nos propõem as teorias calcadas em uma base eurocêntrica e colonialista, porque essas teorias encontram-se afastadas dos universos portadores dos devires em curso nas narrativas buenianas e rosianas. Como exercícios de invenção, suas narrativas literárias não têm a intenção de verdade, e os narradores da novela de Bueno e dos contos de Rosa estão em relação direta com suas afirmações sobre a verdade, conformando, portanto, um quadro verossímil que nos toca pela qualidade das experiências.

Referências

BUENO, W. *Meu tio Roseno, a cavalo*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FRANÇA, N. F. *Vocabulários indígenas na geografia do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Afurtado-1969-vocabulos/Furtado_1969_VocabulosIndigGeogrRS.pdf>. Porto Alegre: Ed. Champagnat, 1969. Acesso em: 10 jul. 2023.

GRANDE DICIONÁRIO. *Língua Portuguesa*. Porto: Porto Ed., 2010.

RIBEIRO, D. *América Latina: a pátria grande*. 3. ed. São Paulo: Global, 2017.

ROSA, J. G. “Meu tio o Iauaretê”. In: _____. *Estas estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

ROSA, J. G. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SELIGMANN-SILVA, M. Walter Benjamin e os sistemas de escritura. *In:* _____. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Ed. 34, 2005.

O conteúdo deste texto é de responsabilidade de seus autores.